

Carta do Gestor / março 2026

Internacional

Em março prevaleceu novamente o conflito no Oriente Médio como condicionante do desempenho dos mercados financeiros. O encarecimento dos preços da energia e seus reflexos nos índices de inflação fez com que tanto o Banco Central norte-americano, o FED e o Banco Central Europeu, o BCE mantivessem inalteradas as taxas de juros em suas reuniões no mês. Assim, as bolsas internacionais recuaram e os juros futuros subiram com o aumento da aversão ao risco. No Brasil, por conta da redução da taxa Selic e do forte ingresso de capital estrangeiro na B3, a queda da bolsa foi pequena, apesar da alta dos juros futuros.

Na zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a taxa de inflação anualizada do consumidor, por conta da subida dos preços da energia, se elevou de 1,90% registrado em fevereiro para 2,60% em março e atingiu o seu nível mais elevado desde julho de 2024. Já a taxa de desemprego na região avançou de 6,10% em janeiro para 6,20% em fevereiro.

Nos EUA, de acordo com o Departamento do Trabalho, a inflação do consumidor em março subiu 0,90% frente ao mês anterior e na base anual avançou dos 2,40% para 3,30%, conforme as expectativas dos economistas. O Departamento do Trabalho do país também anunciou que em março foram criados 178 mil postos de trabalho não rural, quando se esperava a criação de cerca de 59 mil novos postos. A taxa de desemprego caiu de 4,34% para 4,30%.

Na China, o PIB do primeiro trimestre de 2026 teve alta anualizada de 5,00% e superou a expectativa dos economistas de um avanço de 4,80%. O resultado foi impulsionado pelas exportações e pela produção industrial.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram março de 2026 no patamar de 2,71% a.a. encerraram o mês em 3,00% a.a. e os juros dos títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 4,05% a.a. subiram para 4,31% a.a. no final. Quanto a bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a desvalorização em março foi de 5,09% e passou a acumular queda de 4,63% no ano.

Brasil

De acordo com o IBGE, a inflação do consumidor em março de 2026, medida através do IPCA, apresentou variação positiva de 0,88%, acima das expectativas do mercado que era ao redor de 0,70%. No ano acumulou alta de 1,92% e de 4,14% em doze meses, abaixo do teto da meta do Conselho Monetário Nacional que é 4,50%. Os maiores responsáveis pela alta do índice foram os grupos Transporte, por conta da alta de 4,50% dos preços dos combustíveis e Alimentação e Bebidas com alta de 1,56%.

O IBGE também informou que a taxa de desemprego no país foi de 5,80% registrada no trimestre encerrado em fevereiro e embora tenha subido em relação ao trimestre anterior foi a menor taxa de desocupação para um trimestre encerrado em fevereiro desde 2012.

No setor externo, a balança comercial do país teve em março superávit de US\$ 6,40 bilhões, o pior resultado para um mês de março em seis anos, por conta da queda das vendas externas e do aumento das importações. No ano o saldo positivo acumulado atingiu a cifra de US\$ 14,20 bilhões. O dólar, por sua vez, subiu 0,22% frente ao real acumulando queda de 6,21% no ano.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa recuou apenas 0,44% no mês e passou a apresentar alta de 16,65% em 2026. O fluxo de capital estrangeiro para a B3 teve saldo positivo de R\$ 11,90 bilhões no mês de março e passou a acumular a significativa marca de R\$ 53,80 bilhões no primeiro trimestre do ano.

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com o documento Estatísticas Monetárias e de Crédito, divulgado mensalmente pelo Banco Central do Brasil, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional – SFN somou R\$ 7,10 trilhões em fevereiro de 2026, com alta de 0,40% no mês. Houve estabilidade nas operações de crédito com pessoas jurídicas, que alcançou R\$ 2, 70 trilhões e avanço de 0,60% no das operações com pessoas físicas que totalizaram R\$ 4,50 trilhões.

Perspectivas Cenário Macro

Recentemente o Fundo Monetário Internacional – FMI reduziu a sua projeção do crescimento mundial em 2026 de 3,30% para 3,10%. Na ocasião mencionou que a piora nas expectativas remetem a custos humanitários, danos à infraestrutura e forte interrupção do tráfego marítimo e aéreo devido à guerra no Oriente Médio. O Fundo ainda alertou para repercussões secundárias via alta nos preços das commodities e efeitos de segunda ordem sobre as expectativas de inflação, especialmente em relação aos preços sensíveis a energia e alimentos, além da aversão ao risco nos mercados financeiros. Sobre a inflação global elevou a previsão de alta de 3,80% para 4,40%.

Em sua reunião em março, os membros do FED decidiram manter inalterada a taxa básica de juros na faixa entre 3,50% e 3,75% a.a., refletindo a cautela devido às incertezas por conta do conflito no Oriente Médio. Apesar da pausa no ciclo de queda da taxa, o FED sinalizou a possibilidade de um corte de 0,25 ponto percentual ao longo de 2026, dependendo da evolução dos dados econômicos.

No Brasil, o Copom, em sua reunião também em meados do mês de março decidiu reduzir a taxa Selic de 15,00% para 14,75% a.a. devido à tendência de desaceleração da inflação, apesar das incertezas com os conflitos geopolíticos e sua forte influência nos preços dos combustíveis e alimentos. Posteriormente, na ata da reunião não indicou um novo corte da taxa na próxima reunião e afirmou que “a magnitude e o ciclo de calibração (para cima ou para baixo) da Selic serão determinados ao longo do tempo, à medida que novas informações forem incorporadas às análises”.

Em reunião recente com o ministro da Fazenda brasileiro, Dario Durigan, a diretora-geral do FMI, Kristalina Georgieva afirmou que o país está relativamente bem posicionado para enfrentar a turbulência global devido aos conflitos no Oriente Médio, mas cobrou esforços para o fortalecimento das finanças públicas domésticas e a continuidade de reformas. Ao mesmo tempo em que o Fundo melhorou a projeção para o desempenho da economia este ano para um crescimento de 1,90%, frente aos 1,60% projetados em janeiro, demonstrou maior ceticismo em relação às contas públicas prevendo que alcancem o patamar de 100% do PIB já em 2027, primeiro ano do próximo governo.

Ainda em relação à diretora-geral do FMI, cabe também destacar recentes declarações a respeito do despreparo do sistema monetário internacional em relação aos grandes riscos representados pelos avanços na Inteligência Artificial – IA. “Não temos a capacidade coletiva de proteger o sistema monetário internacional contra riscos cibernéticos de grande magnitude. Trabalhamos para entender quais são os riscos e como podem ser administrados, porque o tempo não está a nosso favor”. Em outra oportunidade o Fundo alertou que a IA afetará cerca de 40% dos empregos globais, chegando a 60% em economias avançadas. A instituição destacou o potencial aumento da produtividade, mas alertou sobre o risco de maior desigualdade de renda e instabilidade no sistema financeiro se não for gerida com políticas adequadas.